

## Tendências para os contratos com as indústrias de suco de laranja para a safra 2011/2012

Com o final dos serviços referente à primeira estimativa de safra realizada pelas indústrias de suco, aproxima-se o período de contratações para a safra 2011/2012. Em breve alguns produtores irão ser procurados para iniciar o processo de negociações que tenderão a ser tensas.

O tempo passou, os relatórios da USDA foram aos poucos demonstrando que as perdas não foram nada significativas. Mas apesar das notícias nada favoráveis à manutenção dos preços em alta, o suco de laranja continuou subindo movido sabe-se lá por qual motivo. Os preços somente passaram a cair depois de outro evento, aparentemente não diretamente ligado ao setor de laranja, mas estreitamente ligado a outros, dando pistas muito significativas sobre quem ou o que está por detrás destes aumentos nas cotações das "comodities" agrícolas desde Agosto de 2010.

Desde o terremoto no Japão, os preços do suco de laranja na Bolsa de Nova York (FCOJ) passaram a despencar, chegando nesta semana a um patamar semelhante ao observado no final de Dezembro de 2010 e início de Janeiro de 2011. E de uma hora para outra, açúcar, cacau, e café além do suco de laranja passaram a uma tendência de queda. Para o suco de laranja dizia-se que a alta era devido às perdas com as geadas, no caso do café que o estoque estava baixo e que havia ocorrido um aumento no consumo. No final das contas o estoque de café parece que aumentou sozinho ou o consumo diminuiu drasticamente depois do terremoto. Acho que para evitar que as pessoas fiquem ainda mais tensas com notícias tão tristes como esta. Já para o suco de laranja acho que alguns "players" do mercado haviam se esquecido de ler os documentos do USDA sobre a safra de laranja (provavelmente não acessaram o site da Barretto Consultoria) e acordaram com os abalos dos terremotos e verificaram que já deveriam ter começado a baixar os preços, pois não havia sustentação para cotações tão altas.

É lógico que o dinheiro era puramente especulativo e é um dos piores vícios do capitalismo moderno: lucrar muito e sempre, sem controle. Mais uma bolha se formou e infelizmente sabemos muito bem aonde isto pode parar. O

mais difícil por enquanto é saber até que ponto estas notícias podem desencadear um efeito cascata, derrubando de forma brusca e contínua todas as cotações das “comodities” agrícolas provocando uma nova crise no campo, ainda sem fôlego depois da crise imobiliária de 2008 e 2009.

### **- Rádio peão:**

Alguém já tem noção dos preços que estão por vir? Pois infelizmente alguns ventos soprados da região Norte e Noroeste do Estado de São Paulo apontam para R\$ 9,00 para a Hamlin e demais laranjas doces.

Esta informação ainda é muito preliminar e a fonte é muito pouco confiável. De fato temos que o estoque de passagem está baixo devido à safra passada, o que tende a aumentar a fome das indústrias processadoras por frutos. O que não podemos esperar é que os preços persistam no mesmo patamar dos praticados no ano passado. A Cutrale recentemente já disse em reportagem para o jornal Estado de São Paulo que os preços estavam muito altos. É óbvio que ao dizer isto está anunciando uma tendência de queda nos preços a serem praticados nesta próxima safra.

### **- Esperança negra:**

A vinda do presidente americano Barack Obama ao Brasil teve um significado muito importante em termos políticos e econômicos para o Brasil. Falando em política, ficou evidente que o presidente encontrou em Dilma Rousseff um interlocutor mais confiável que seu antecessor. Em termos financeiros, Obama demonstrou ao que veio: fazer um primeiro contato visando estabelecer acordos comerciais na comercialização do petróleo do pré-sal.

Um acordo com o Brasil pode significar uma virada muito importante para os Estados Unidos em relação à segurança energética e política externa: diminuir a dependência em relação aos distantes e instáveis países árabes e africanos, além de alguns “hermanos” mal educados, em relação ao petróleo.

No que diz respeito ao suco de laranja, abre-se uma brecha para negociar acordos para queda dos subsídios. Nesta o álcool e algodão também levarão vantagem ao que tudo indica.

Desde 2006 a OMC já havia dado ganho de causa para o Brasil em relação à política “anti-dumping” dos Estados Unidos em relação ao suco de laranja, porém os americanos não tem levado muito a sério estes acordos

comerciais. Talvez agora tenhamos argumentos mais fortes para fazer valer o que já era justo e julgado.

### - “Carbon footprint”:

Em breve teremos mais uma surpresa desagradável nos contratos para fornecimento de laranja para as indústrias processadoras de suco. Pressionadas por clientes de peso na Europa, mais especificamente a rede varejista britânica Tesco, estão sendo obrigadas a quantificar a emissão de carbono para obter cada litro de suco, o que está sendo apelidado na Europa de “pegadas de carbono”. Este levantamento já foi feito em relação a produção própria, e os valores obtidos são baixos (190 g de CO<sub>2</sub>/L de FCOJ e 314 g de CO<sub>2</sub>/L de suco NFC). Isto se deve principalmente a nossa matriz energética ser composta basicamente por fontes renováveis de energia.

A má notícia é que estes levantamentos deverão ser feitos também nos fornecedores de matéria prima. Até aí tudo bem: apenas mais uma invasão para coleta de dados que tenho certeza todos irão permitir sem se dar conta do que está por vir e das conseqüências de tal permissividade em relação à coleta de dados referentes à produção. O problema começa na segunda parte desta história, onde as indústrias deverão se comprometer com uma redução gradual destas emissões de carbono. Fica então desta forma: eu assino um contrato no qual me comprometo a reduzir as emissões de carbono para produção do suco de laranja, obrigando o meu fornecedor a tomar atitudes neste sentido, uma vez que a produção da laranja no campo responde por 70% da emissão do carbono no caso do FCOJ (suco concentrado) e 50% no caso do NFC (suco fresco). Mais uma vez vão colocar a mão no seu bolso. Não existe forma de reduzir estas emissões de carbono sem que ocorra algum aumento significativo no custo de produção.

A boa notícia é que estamos bem amparados. As indústrias de suco sempre se mostraram sensíveis aos problemas dos seus principais parceiros e deverão atender novamente a esta demanda e aumentar os preços para garantir a sobrevivência dos citricultores no ramo, da mesma forma que fizeram em 1996 e 1997 durante a super-safra brasileira. Até hoje me lembro de alguns clientes darem graças a Deus por terem feito contratos que garantiriam sua sobrevivência e o desespero ao ser chamado um por um para “renegociar” valores. Os que aceitaram tiveram que pagar para entregar as frutas para as indústrias. Os que não aceitaram pelo menos tiveram a reposição dos adubos gastos para fazer a safra na forma de adubação orgânica com laranjas frescas.

Só para enfatizar, naquela época estávamos passando pelo pior momento da crise provocada pelo amarelinho nas regiões Norte e Noroeste do Estado de São Paulo. Muitos, mas muitos mesmo deixaram o setor naquela época.